

A TRANSVERSALIDADE NO ENSINO SUPERIOR COMO VIA DE REFORMA PARA UMA EDUCAÇÃO ÉTICA E HUMANITÁRIA

Elisaide Trevisam, PUC/SP, elis.trevi@hotmail.it

Margareth Anne Leister, UNIFIEO, margarethanne@gmail.com

Marilu Dicher, PUC/SP, marilluadv@yahoo.com.br

RESUMO: Baseando-se na fundamentação de saberes que promovam os ideais de uma educação emancipatória, nas linhas de pensamento de Edgar Morin e seus referenciais teóricos, o presente estudo objetiva trazer uma reflexão sobre o imperativo de reforma do conhecimento universitário, a fim de transcender a fragmentação disciplinar no ensino superior, propondo, para a prática educacional, a transversalidade de todo o conhecimento, baseado, por sua vez, no desenvolvimento da sociedade num contexto educacional ético e humanitário. Assim, considerada a complexidade da realidade que a sociedade global vivencia atualmente, observa-se a necessidade de um reexame dos parâmetros educacionais, visando o desenvolvimento de um currículo imbricado com as relações entre culturas e uma educação de formação efetivamente integradora. Portanto, nesta presente reflexão a transversalidade assume, na educação do ensino superior, uma instrumentalização capaz de instigar, tanto no sujeito social como profissional, a prática de um conhecimento fundamentado numa convivência ética, solidária e humanitária.

Palavras-chave: Ensino Superior; Transversalidade; Reforma do Pensamento; Educação humanitária.

INTRODUÇÃO

Na configuração de uma ética que apresente em si um caráter universal, onde o Eu e o Outro vivam em torno da comunhão de identidades, numa conduta social em conformidade com o bem comum, capaz de orientar o sentido de viver de maneira harmoniosa e respeitável coletivamente, surge a necessidade de que os cursos superiores procurem trazer currículos pedagógicos fundamentados numa educação que contribua para o desenvolvimento da sociedade num contexto de educação ética e humanitária.

Partindo dessa constatação, a presente reflexão tem por base pensamentos reformadores sobre a educação no ensino superior, procurando-se evidenciar a importância da inserção, na prática educacional, da transversalidade do conhecimento, com a finalidade de educar para o desenvolvimento da reforma do pensamento e do

comprometimento em traçar vias para uma convivência mais ética e humanitária entre os sujeitos que compõem a sociedade.

1 A NECESSIDADE DE REFORMA DO PENSAMENTO NO ENSINO SUPERIOR

O desenvolvimento da educação no ensino superior tem se mostrado em verdadeira ampliação, nos últimos anos, devido a crescente abertura de cursos em faculdades privadas, o que trouxe a proliferação de empresas que se despontam como grandes conglomerados econômicos, numa constante comercialização da educação e que, nem sempre, se demonstram preocupadas com a qualidade do produto que vendem: o ensino.

Nessa perspectiva, em sociedades como a nossa, que já não tiveram uma formação adequada até a inserção no ensino superior, mais uma vez se deparam com um sistema educacional carente e profissionalizante que não consegue educar de maneira a construir uma prática de virtudes que irão configurar uma convivência mais harmoniosa, ética e responsável em relação aos demais indivíduos que compõem o todo social.

Estamos tratando de uma realidade que, a cada dia, se demonstra mais complexa e com poucas alternativas de solução, pois a real preocupação das instituições de ensino termina por não se configurar com a missão de educar cidadãos para um futuro de convívio da humanidade mais ético e responsável.

Pode-se dizer que essa crise presente no aprendizado se prolonga desde a educação aplicada no ensino fundamental e no ensino médio, revelando-se numa deficiência de conhecimentos que chega aos bancos das faculdades. O que contribui para formar profissionais sem bases humanitárias ou preparação para garantir o convívio entre as diversidades que se apresentem diante de si, fator que se torna ainda mais candente frente à complexidade que adentramos, atualmente, entre sociedades que se mostram cada vez mais híbridas cultural, política, social e economicamente.

Uma educação estagnada e subordinada a um currículo profissionalizante, sem a devida lembrança do papel primordial que o discente tem que desempenhar perante a sociedade em que se encontra inserido, leva a uma educação rasa que não proporciona a necessária harmonia com os interesses reais de atuação nas atuais sociedades multiculturais e dinâmicas. Conforme explica Abreu Junior (2006, p. 173):

A questão que se propõe como primeira é a necessidade urgente de se pensar em: qual o valor dos conhecimentos e da cultura escolar para a formação humana e para a vida em sociedade? É necessário esclarecer que nessa questão há duas concepções de formação humana embutidas: tanto aquela entendida a partir de um viés utilitarista, qual seja, a necessidade de se adquirir os fundamentos necessários às interações pessoais e profissionais da vida em sociedade; como também, e principalmente, mais do que no item anterior, entender a formação humana no seu sentido ético de necessidade da convivência social em que esteja implícita a aceitação das – assim como o respeito às – diferenças.

Desse modo, a realidade educacional requer uma reflexão mais aprofundada naquilo que diz respeito às relações entre cultura e educação para uma formação mais humanitária. Uma educação que prima pela interação com a complexidade das questões que aproximam as várias áreas do conhecimento, através de um diálogo entre disciplinas que tenha como base os problemas socioculturais que estão integrados em todo o contexto educacional.

Segundo Santos (2007, p. 79), na realidade concreta, os aprisionamentos dos fragmentos em contextos isolados vão impossibilitar que o homem construa relações que o permitam estabelecer relações dialéticas, além de contribuírem para impedir o contato com a realidade em que vive, tornando-o, portanto, prisioneiro de sua própria abstração.

Essa atual crise da educação que se aflora do ensino fundamental ao ensino superior, decorre da estrutura que vem sendo inadequada há muito tempo no âmbito da educação. Se houvesse uma maior conformidade com as leis de diretrizes básicas, isso abriria espaço para não que houvesse a proliferação de cursos descompromissados com a qualidade de ensino direcionada para uma educação ética, responsável e humanitária.

A proposta de currículos educacionais mais abertos e transdisciplinares, que direcionem uma maior preocupação com o sentido global do ensino, de acordo com as várias áreas do saber, atenderiam a uma demanda atual no que concerne à transversalidade do ensino, numa proposta que objetiva ir além da especialização, de modo a transformar o conhecimento do todo.

Torna-se de caráter emergencial a reforma dessa educação fragmentada que não se enquadra nas exigências que requer a realidade atual da sociedade em que vivemos. Clama-se por novas configurações das diretrizes curriculares das instituições de ensino superior, voltadas para a formação ética e responsável, objetivando a efetivação da

cidadania, do desenvolvimento da sociedade, sob um aspecto de ultrapassar os pensamentos fundados no tradicionalismo de uma educação dogmatizada.

Se uma das funções do ensino superior está na necessidade de produzir conhecimentos que permitam a compreensão ampla do ser humano e da vida em sociedade, faz-se necessário que se pense o problema do ensino considerando “os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los uns aos outros”, e, ainda, que se leve em conta “que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental humana, que precisa ser desenvolvida e não atrofiada” (MORIN, 2010, p. 16).

Conforme explica Edgar Morin:

O pensamento que recorta, isola, permite que especialistas e *experts* tenham ótimo desempenho em seus compartimentos, e cooperem eficazmente nos setores não complexos do conhecimento, notadamente os que concernem ao funcionamento das máquinas artificiais: mas a lógica a que eles obedecem estende à sociedade e às relações humanas os constrangimentos e os mecanismos inumanos da máquina artificial e sua visão determinista, mecanicista, quantitativa, formalista; e ignora, oculta ou dilui tudo que é subjetivo, afetivo, livre, *criador* (2010, p. 15).

Com um ensino fragmentado, a universidade somente gera especialistas que não estão comprometidos com os princípios basilares da área do conhecimento e que não se encontram em total conectividade com o todo, num sentido integral. Não é admissível que no contexto do mundo globalizado, ainda se adotem visões de cunho individualista, fundamentadas em um sistema educacional fragmentado direcionado num caminho oposto à realidade vivenciada pelas diferentes sociedades atualmente.

Nestas circunstâncias, o que não pode ser olvidado é a necessidade de que o aluno esteja, em suas aspirações, conectado com as informações de todas as áreas do saber, para que lhe desperte a curiosidade de buscar uma interligação mais ampla nessa aventura do conhecimento da realidade complexa que o cerca.

O que agrava a dificuldade de conhecer nosso Mundo é o modo de pensar que atrofiou em nós, em vez de desenvolver, a aptidão de contextualizar e de globalizar, uma vez que a exigência da era planetária é pensar sua globalidade, a relação todo-partes, sua multidimensionalidade, sua complexidade – o que nos remete à reforma do pensamento (MORIN, 2000, p. 64).

Para contribuímos com o desagramento dessa dificuldade encontrada na atualidade, teremos que efetivar uma educação pautada na reforma do pensamento, numa

busca da transversalidade no ensino superior, uma educação que trará ao aluno a oportunidade de atingir um futuro mais ético, responsável e humanitário, de e em toda a sociedade planetária.

2 A TRANSVERSALIDADE NO ENSINO SUPERIOR COMO VIA PARA UM FUTURO ÉTICO E HUMANITÁRIO

A transversalidade tornou-se um dos temas mais acentuados no universo educacional na nossa atualidade. Isso se deve à necessidade do desenvolvimento de uma consciência mais ética, responsável e humanitária frente ao mundo globalizado que vivemos, desde o século passado progressivamente mais dinâmico. O que se busca é dar a capacidade ao aluno para exercer a sua cidadania, interferindo na sociedade em que vive, pensando numa convivência planetária a partir do uso dos conhecimentos que está adquirindo, pois:

Se é verdade que o gênero humano, cuja dialógica *cérebro/mente* não está encerrada, possui em si mesmo recursos criativos inesgotáveis, pode-se então vislumbrar para o terceiro milênio a possibilidade de nova criação cujos germes e embriões foram trazidos pelo século XX: a *cidadania terrestre*. E a educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão (MORIN, 2000, p. 73).

Assim sendo, para se entender a transversalidade no ensino, devemos levar em consideração que se trata de um modo de levar ao conhecimento do aluno, numa dimensão didática, a possibilidade de aprendizado através de uma prática educativa que proporcione conhecimentos sobre a realidade e as questões da vida em suas constantes transformações.

Segundo os pensamentos de Yus (1988, p. 17), quando falamos em transversalidade, estamos colocando em questão temas que se apresentam dentro de um conjunto de conteúdos educacionais e eixos condutores comuns a todas as disciplinas, sob um ângulo transversal no currículo global da educação. Tratam-se de temas referentes à possibilidade de se estabelecer uma relação entre apreender conhecimentos teóricos e questões da realidade da vida, que se transforma hodiernamente no que diz respeito às questões sociais e aos processos vividos e debatidos intensamente pela sociedade, numa busca incessante de soluções e alternativas para as questões sobre a vida em sociedade (BRASIL, 1988, p. 28).

Como reflete Edgar Morin (2000, p. 67):

O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos. Assim como cada ponto de um holograma contém a informação do todo do qual faz parte, também, doravante, cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias oriundas de todo o universo.

Desse modo, existe inegavelmente a necessidade de um diálogo entre as diversas áreas do ensino, desde o ensino básico até o ensino superior, sobre temas transversais que proclamam valores ao exercício de uma cidadania plena, não somente interna, mas uma cidadania fundada na importância de uma convivência configurada em escala planetária.

Para Edgar Morin “ninguém pode basear um projeto de aprendizagem e conhecimento num saber definitivamente verificado e edificado sobre a certeza ou ainda se ter a pretensão de criar um sistema absoluto de proposições possíveis” (2003, p. 19). A realização de uma didática de ensino transversal traz a exigência de uma contextualização global de conhecimentos, uma vez que:

Nosso modo de conhecimento subdesenvolveu a aptidão de contextualizar a informação e integrá-la em um conjunto que lhe dê sentido. [...] A fragmentação e a compartimentalização do conhecimento em disciplinas não comunicantes tornam inapta a capacidade de perceber e conceber os problemas fundamentais e globais. A hiperespecialização rompe o tecido complexo do real, o primado do quantificável oculta a realidade afetiva dos seres humanos (MORIN, 2013, p. 183).

Deve ser um compromisso das universidades a abertura de currículos que ofereçam um olhar inovador, desinstalado de posicionamentos e estruturas rígidas tradicionais, para uma real contribuição à superação da fragmentação do conhecimento. O entusiasmo deve estar baseado em pensamentos que comportem a união de acontecimentos no mundo complexo, entre partes e contextos.

Se a universidade trabalha o contexto educacional ritualizando uma herança cultural de saberes, ideias e valores, os quais devem ser regenerados, reexaminados e atualizados, no momento em que transmite os conhecimentos, deverá gerar novos saberes e valores que passem a fazer parte dessa herança, devendo continuar a ser regeneradora e geradora de conhecimentos, de outro modo, não estará capacitada para desempenhar seu papel junto à sociedade (MORIN, 2010, p. 81).

O que se mostra urgente e necessário é uma interligação entre as disciplinas ensinadas nas universidades e a realidade vivenciada pelo corpo social, através da relação entre a metodologia de ensino e a experiência do conhecimento. Isso somente será

possível com a reforma do pensamento, no intuito de dissipar “as cegueiras resultantes de conhecimentos parcelares e dispersos, específicos de uma visão unidimensional de todas as coisas” (MORIN, 2013, p. 185), para uma efetiva transformação do conhecimento. Esse modo de ensinar nos mostra que:

A reforma do conhecimento exige a reforma do pensamento. A reforma do pensamento exige um pensamento que possa religar os conhecimentos entre si, religar as partes ao todo, o todo às partes, e que possa conceber a relação do global com o local, do local com o global (MORIN, 2013, p. 184).

O ensino superior deve estabelecer uma metodologia que se volte para as novas problemáticas que se apresentam na sociedade. Isso dependerá de uma adaptação do ensino correspondente às necessidades do novo sujeito social, que nasceu numa sociedade mutável (em escala de tempo mais veloz e intensidade ainda mais marcante) e que necessita da interação de conhecimentos diversos nas mais possíveis vertentes educacionais.

Pensar em um ensino plausível e realizável, torna indispensável que busquemos um método educacional que se relacione com a teoria e a prática de modo dinâmico, uma didática que desperte o aluno numa perspectiva de convivência ética e humanitária, sob uma perspectiva global. Seguindo os pensamentos de Paulo Freire (2002, p. 46):

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. [...]. Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. [...] Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele.

Ora, se o futuro da humanidade é produto de uma construção individual e coletiva, o que for realizado ou deixado de se realizar no presente terá como consequência a afetação do futuro, ou seja, a omissão, o silêncio ou a ignorância de hoje acarretarão no preço a ser pago pelo amanhã. Portanto, têm-se a necessidade da consciência de que os atos omissos, a ignorância, a incompetência, ou ainda, a covardia nos tratos das questões

educacionais, trarão grandes prejuízos, talvez irreparáveis, para a sociedade vindoura (MORAES, 2005, p. 28).

Por não podermos falar que ainda vivemos um tempo em que o mero conhecimento especializado é suficiente, à universidade cabe o papel de pensar a reforma e reformar o pensamento, atentando-se para a real necessidade de reformulação dos conhecimentos de modo a transformar os pensamentos em relação à responsabilidade com a humanidade. Desse modo:

A reforma necessária do pensamento é aquela que gera um pensamento do contexto e do complexo. O pensamento contextual busca sempre a relação de inseparabilidade e as inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o contexto planetário. O complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas (como a própria democracia que é o sistema que se nutre de antagonismos e que, simultaneamente, os regula), que respeite a diversidade, ao mesmo tempo que a unidade, um pensamento organizador que conceba a relação recíproca entre todas as partes (MORIN, 2009, p. 22).

A atualidade em que vivemos requer um profissional que detém um conhecimento mais amplo, que vá além das disciplinas dogmáticas ensinadas de acordo com currículos educacionais fechados. Nas circunstâncias em que vivemos atualmente, temos a pujante necessidade de pessoas conectadas com o mundo, com o todo, com a Terra, com o planeta. Do o ensino fundamental ao ensino superior, o que deve ser ensinado é o amor ao saber, a reforma do pensamento, isso por meio da transversalidade do ensino e de novas disciplinas que efetivem um conhecimento mais completo, ético, solidário e humanitário. O que deve ser sempre lembrado, no contexto educacional é que:

Civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas ao progresso, mas à sobrevivência da humanidade. A consciência de nossa humanidade nesta era planetária deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiseração recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a *ética da compreensão planetária* (MORIN, 2000, p. 78).

Podemos observar e colocar em destaque que, na atualidade de complexidade global em que vivemos, diante de uma necessidade imprescindível de busca por uma convivência ética, responsável e humanitária, é chegado o momento de se abrir a novas concepções educacionais que rompam com as barreiras impostas pelo ensino disciplinador e autoritário, buscando-se conhecimentos que se configurem como saberes conectados a partir do todo.

Dessa maneira, aquilo que é esperado do ensino superior diz respeito à reparação das deficiências que tenham sido deixadas para trás no sistema educacional, de forma a preparar indivíduos que estejam comprometidos com a ética e com a responsabilidade perante toda a humanidade, estabelecendo-se uma visão global de todos os aspectos da vida, numa simbiose de convivência planetária. Isso somente será possível se todos aqueles que estiverem comprometidos com a educação, governo, instituição, professores e alunos permaneçam imbuídos desse ideal, integrando as partes ao todo de modo a contribuir com o futuro da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da realidade em que vive a atual sociedade global, encontra seu esgotamento um ensino superior pautado somente nos currículos tradicionais, os quais estipulam um aparato de conhecimentos voltados exclusivamente para o campo técnico e profissionalizante. Essa realidade demanda uma reflexão que se debruce para a necessidade de um reexame dos parâmetros educacionais, focando-se na busca de um currículo que esteja imbricado com as relações entre diferentes culturas e uma educação voltadas para uma formação mais ética e humanitária.

Nesse contexto, somente uma educação integradora pode proporcionar a apreensão dos conhecimentos necessários para os problemas que se apresentam na sociedade. Essa educação deverá estar em consonância com um projeto transversal de ensino que esteja capacitado para dissipar a deficiência educacional que se prolonga durante toda a etapa de formação do aluno, desde o ensino fundamental até o ensino superior.

Para efeito da construção de um firme alicerce na busca de uma educação voltada para um olhar ético e humanitário, podemos concluir que a transversalidade no ensino superior se torna um instrumento de ação fundamentalmente necessário, seja no que diz respeito à ideal apreensão da realidade que cerca o universitário – e aqui o termo *universitário* visa abranger o saber em seu todo e em suas partes, através de sua própria complexidade –, mas também no que tange ao desenvolvimento de uma didática que possa despertar no aluno não somente uma perspectiva, mas sim a prática de uma convivência ética e humanitária.

Portanto, nesse sentido e no que se buscou na presente reflexão, a instrumentalização da transversalidade no ensino superior propõe-se a instigar no profissional de nossa atualidade global, para além das dogmáticas disciplinares enquadradas nos currículos educacionais tradicionais, a construção de um conhecimento voltado para a conexão de seu mundo com o todo global, ou seja, a reforma do pensamento para a efetivação de um conhecimento fundamentado na ética, na solidariedade e numa vivência profissional e social humanitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU JUNIOR, Laerthe de M. Cultura, educação e formação humana: a composição de um plano de interações complexas. In: PORTES, Écio Antônio (Org.). **Diálogos sobre ensino, educação e cultura**. Rio de Janeiro: E-papers. 2006.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos, apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC. 1998.

CARNEIRO, Rosane; ABAURRE, Nely Wyse; SERRÃO, Mônica A. et al. (Orgs.). **Transversalidade e inclusão**: desafios para o educador. Rio de Janeiro: SENAC. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

MORAES, Maria Cândida. Contextualizando a problemática educacional. In: ENRICONE, Délcia; GRILLO, Marlene. (Orgs.). **Educação superior**: vivências e visão de futuro. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2005.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertand Brasil. 2010.

_____. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

_____. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. ALMEIDA, Maria da C.; CARVALHO, Edgard de A. (Orgs.). São Paulo: Cortez. 2009.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget. 2001.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Brasília: UNESCO, 2000. p. 39.

_____; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Tradução de Sandra Trabucco Velenzuela. São Paulo: Cortez. 2003.

YUS, Rafael. **Temas transversais**: em busca de uma nova escola. Tradução de Ernani F. da F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed. 1988.